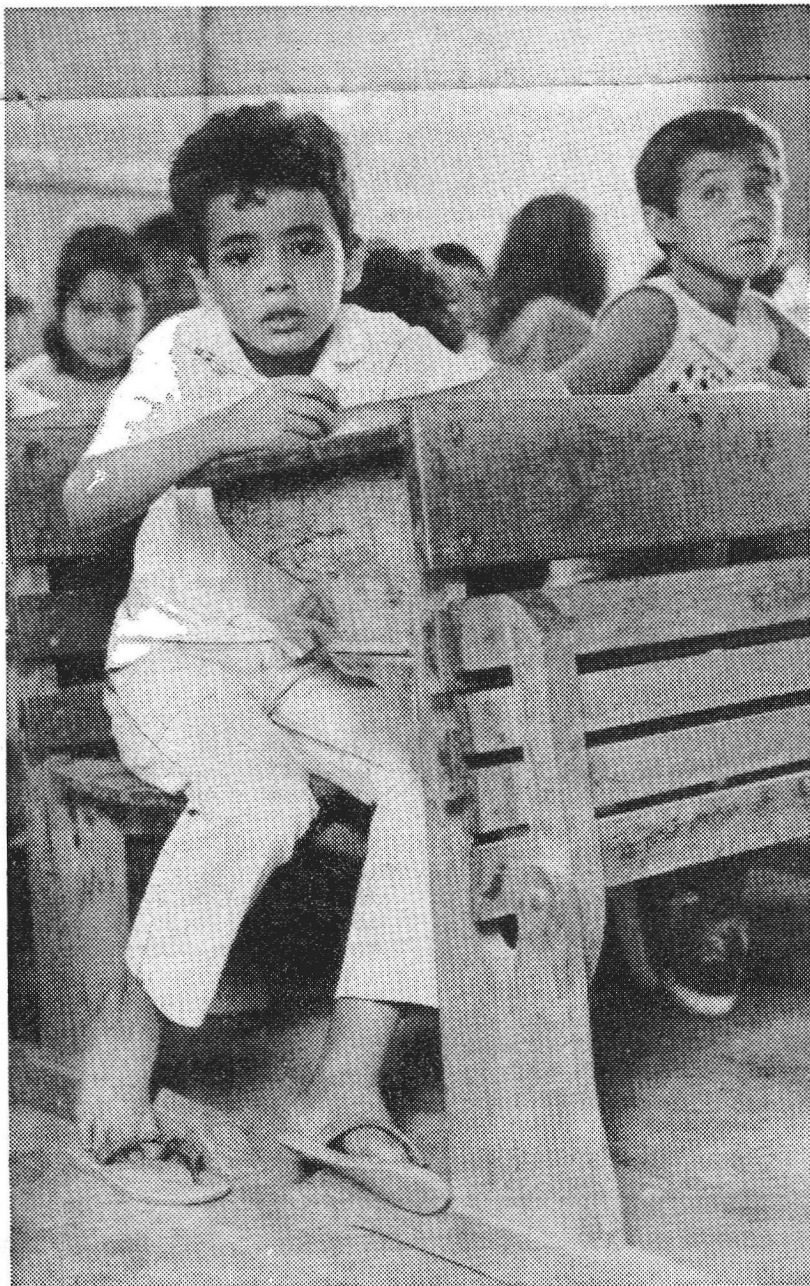


Número de alunos cai com o êxodo

Ninguém sabe ao certo quando surgiu a Escola Estadual da Valinha mas, segundo depoimento dos alunos mais antigos, tem aproximadamente 50 anos. Embora não saiba dizer ao certo quantas crianças estudaram ali ao longo de todo esse tempo, a diretora Sebastiana Cordeiro assegura que cerca de 500 alunos se matricularam nos últimos 15 anos. Logo que começou a lecionar, havia 200 crianças, divididas em dois turnos. Hoje, devido ao êxodo da população, não chega a 50, no único turno da manhã.

Apesar de Valinha ser um lugarejo seguro, há 10 anos a escola sofreu seu primeiro e único roubo. Levaram um freezer, uma máquina de escrever, dois botijões de gás e algumas dúzias de pratos. Para evitar novas tentativas, a ex-aluna e atual merendeira Ilza Nogueira passou a morar com os 11 filhos e o marido, Djalma Vieira Gouveia, em dois dos nove cômodos do colégio. Djalma ajuda cuidando da horta e fazendo serviços de carpintaria e reparos mais urgentes.

Na verdade, nem seria preciso uma pessoa para cuidar da segurança da escola. Afinal, o objeto de maior valor material é um mimeógrafo. Nos dois armários da sala da diretora existem apenas livros escolares, cadernos, lápis e borrachas. Nas salas de aula, apenas velhas carteiras de madeira e quadros-negros embutidos nas paredes de pintura descascada. Como a escola nunca foi reformada, Sebastiana Cordeiro conta com a ajuda da comunidade para fornecer material para os consertos necessários. Recentemente foi feita uma obra nos banheiros, mas ainda não há descarga nos vasos sanitários e os alunos usam baldes de água que apanham no poço. Em épocas de estiagem, a solução é recorrer à vizinhança.



Gabriel não gosta de estudar, mas a mãe o obriga